

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Humanas
Curso de Pedagogia

**A INTERFERÊNCIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

PAOLA RODRIGUES MOTA

2003.2.351.105

Rio de Janeiro

2007.2

PAOLA RODRIGUES MOTA

**A INTERFERÊNCIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Ms. Sandra Albernaz

Rio de Janeiro

2007

“A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais.” (RCNEI)

AGRADECIMENTOS

O meu primeiro agradecimento será sempre a Deus, por proporcionar tantas bênçãos maravilhosas!

Não tenho palavras pra agradecer, por sua fidelidade. Mesmo às vezes, quando me esqueço que foi Ele e que é Ele quem permite tudo o que acontece em minha vida.

É primeiramente a Ele, o Deus que me ajudou durante a caminhada, que segurou a minha mão quando pensei em largar tudo e desistir e me mostrou que Ele estava ao meu lado e que bastava apenas crer, que tudo ficaria bem, e ficou! A Ele toda minha gratidão! Obrigada meu Deus e que esse, seja mais um passo, dos muitos que virão!

Aos meus queridos e amados pais Cristina e Nilo, meus protetores, minha base, meu colo quando precisei. Sem o apoio e carinho que me deram durante todo o curso eu não chegaria à metade. Sem eles eu não me tornaria a pessoa determinada e objetiva que sou hoje. Que mesmo de longe estiveram por perto todas as vezes que precisei.

Aos meus irmãos, Rômulo e Renan, que sempre me apóiam e me dão forças, apesar das implicâncias às vezes, que mesmo de longe estiveram por perto de alguma forma. Amo muito vocês, parte importante da minha base.

Aos meus sobrinhos Rômulo e Sophia, por me darem tanta alegria.

A toda a minha família que contribui direta ou indiretamente, pois o carinho que temos e a união, sempre me ajudaram a continuar.

À minha mestra, Sandra Albernaz, pelo apoio e orientação.

Às primas Danielle, Amanda, Vênus que me escutaram as muitas vezes que chorei, que me ajudaram não só na vida acadêmica, mas me apoiando em decisões difíceis.

Às minhas amigas “Poias” Paula Regina e Danielle Ribeiro, que juntas nos tornamos mais do que simples amigas de faculdade, nos tornamos amigas pra vida toda.

Às amigas de curso: Patrícia Lobato, Valéria Pimenta, Kelly Patrícia, Luana Nascimento, Gisele Brito, Débora Barros juntas quebramos a cabeça muitas vezes fazendo os trabalhos e pesquisas para as disciplinas, estas também serão amigas pra vida toda.

Ao amigo Ricardo Ribeiro, por todo carinho que sempre teve comigo.

Às amigas distantes que sempre me ajudaram com muito carinho e também com suas orações: Suelen Castro e Priscilla Vieira.

À amiga Michelle Lemos, por toda ajuda e amizade sempre.

Aos amigos do Detran: Daniela Dutra, Ana Paula, Isabelle Brito, Anderson Silva, por todas às vezes que precisei sair mais cedo por causa da faculdade.

Às amigas Salete Canani, Fernanda Maia e Sônia Freitas companheira de trabalho e “mãe”, do colégio por todo o carinho e apoio sempre.

Aos meus queridos alunos, que sempre estiveram com o sorriso mais sincero quando precisei, por todos os momentos que me proporcionaram alegria, conhecimento e experiência. Em especial, “Lui”, meu estudo de caso.

Aos amigos da Biblioteca pelos empréstimos depois do balcão fechado Marta e Kadu.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente pra que hoje eu estivesse aqui, o meu muito obrigado!

RESUMO

O presente estudo versa a respeito da violência doméstica e como esta interfere na vida escolar, no processo de aprendizagem de uma criança. Como os professores se portam diante de tal situação. Aborda também como a questão do abandono sofrido ainda quando tinha dois anos afetou na sua aprendizagem e na sua relação com as outras pessoas.

Palavras-chaves: Aprendizagem - Violência Doméstica - Papel do Professor

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	01
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	03
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	04
1. AFINAL O QUE É VIOLÊNCIA?	08
1.1- A violência antigamente e na atualidade	08
1.2 - Violência Simbólica	10
2. O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	
2.1 - Desenvolvimento emocional infantil segundo Winnicott	12
Dependência e Independência	15
Self verdadeiro e falso self	15
Família e Sociedade	16
3. A CRIANÇA EM ESTUDO	
3.1 Minhas observações em relação a Lui	18
3.2 Lui segundo a escola	
3.2.1 O primeiro ano de Lui na escola	20
3.2.2 O segundo ano de Lui na escola	20
3.2.3 O terceiro ano de Lui na escola	23
3.2.4 O quarto ano de Lui na escola	23
4. A ESCOLA ESTÁ PREPARADA PARA ACOLHER E TRANSFORMAR ESSA SITUAÇÃO?	25

4.1 A relação família e escola	26
4.2 A família e a sua responsabilidade como educadora de uma criança	27
5. AS CONSEQÜÊNCIAS CAUSADAS PELO ABANDONO E REJEIÇÃO SOFRIDOS POR LUI	28
5.1 A figura da mãe na vida de Lui	29
5.2 As dificuldades de Lui	30
5.3 As aquisições de hábitos e atitudes	31
5.4 A instabilidade por que Lui passa	31
6. A aprendizagem de Lui e o papel de sua professora	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
BIBLIOGRAFIA	38

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A violência doméstica é uma questão que me chama atenção, devido ao fato das instituições escolares não estarem preparadas para lidar com esse tipo de situação. O tema abordado atenta sobre a necessidade de o cotidiano escolar estar em sintonia com o contexto familiar do aluno. Esta afirmação faz com que eu considere que a vida na escola está atrelada a formação recebida pelos pais. Fala-se muito no que deve ser realizado sobre diversos temas, no entanto me inquieta uma questão: Como fica a situação de alunos vítimas da violência em suas próprias casas? O lar não deveria ser o lugar onde elas se sentiriam seguras?

O interesse por este estudo surgiu do questionamento à relevância de pensar sobre a questão, envolvendo a relação professor e aluno que tem sido alvo de conflitos que se estendem para além do âmbito escolar, passando a ser um reflexo do próprio meio social.

Escolhi esse tema que aborda uma questão muito delicada por trabalhar com uma criança que infelizmente, sofre esse tipo de violência e perceber o quanto isso afeta na sua aprendizagem. Também por perceber que alguns professores não estão preparados e muitas vezes, não se importam em lidar com crianças vítimas de violência.

A violência neste caso teve como consequência toda a estrutura da vida escolar de Lui fracassada, pois a relação professor-aluno foi estabelecida de forma autoritária, com o sentido de rejeição e não de educação e tampouco, acolhimento. De forma rígida, o conhecimento não teve espaço para acontecer de forma criadora.

O presente estudo apresenta como tema a “A Violência Doméstica e a interferência no processo de aprendizagem”, é importante ressaltar que o mesmo não se desvincula de um caráter social. Cabe destacar a relação e a própria apresentação do papel da escola e nosso papel como educadores, tanto para o aprendiz quanto para o educador ao abordar o tema violência doméstica e processo de aprendizagem e as implicações nesse processo.

O objetivo do presente estudo tem como foco principal analisar a interferência da violência doméstica no processo de aprendizagem, o questionamento acerca da metodologia e da própria formação do educador, levantando questões relevantes que envolvam tal tema com

o sentido de contribuir para a reflexão, estudo e transformação das práticas educativas, sob as quais se mostra uma falência nas relações interpessoais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi observado o comportamento da criança em sala de aula, durante as atividades escolares e extra-escolares, seu comportamento em relação às outras crianças e aos professores. Foram observados desenhos e textos por ele produzidos, obrigatórios e livres.

Houve uma aproximação, a fim de estabelecer um vínculo afetivo, permitindo que a criança estabelecesse uma relação de confiança. Ao estabelecer essa relação, Lui relatou algumas de suas queixas e frustrações, e os sonhos e vontades que tinha.

Foram promovidas conversas com algumas de suas professoras onde relataram o seu convívio com Lui e o que pensavam a respeito dele.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Estudiosos afirmam que, quando se tratam dos aspectos de morbidade por violência contra crianças, o âmbito familiar é o locus privilegiado destes atos sociais (DESLANDES, 1994 *apud* AZEVEDO & GUERRA, 1989; GUERRA, 1985; OLIVEIRA, 1989; SANTOS, 1987; STRAUSS et al., 1980), infligidos quase sempre pelos próprios pais ou responsáveis e exercidos de variadas formas, isto é, através de violência física, violência sexual, violência psicológica, abandono intencional e negligência, ou seja, por um conjunto de atos violentos denominados "maus-tratos".

A violência contra a criança é considerada um problema de saúde pública, e o que a escola tem feito em relação a isso? Isto é um problema muito grave e ainda hoje, não tem a atenção e o devido cuidado que deveriam ter. O que temos oferecido a estas crianças? Que cuidados estamos tendo pra que a criança não se sinta vítima também na escola?

Devemos olhar a criança e o seu comportamento para que entendamos suas necessidades em relação ao seu processo de aprendizagem.

“A violência doméstica é um problema universal que atinge milhares de pessoas, em grande número de vezes, de forma silenciosa e dissimuladamente”.

Trata-se de um problema que acomete ambos os sexos e não costuma obedecer nenhum nível social, econômico, religioso ou cultural específico, como poderiam pensar alguns.

Sua importância é relevante sob dois aspectos: primeiro, devido ao sofrimento indescritível que imputa às suas vítimas, muitas vezes silenciosas e, em segundo, porque, comprovadamente, a violência doméstica, incluindo aí a Negligência Precoce e o Abuso Sexual, podem impedir um bom desenvolvimento físico e mental da vítima.

Segundo o Ministério da Saúde, as agressões constituem a principal causa de morte de jovens entre 5 e 19 anos. A maior parte dessas agressões provém do ambiente doméstico. A UNICEF estima que, diariamente, 18 mil crianças e adolescentes sejam espancados no Brasil. Os acidentes e as violências domésticas provocam 64,4% das mortes de crianças e adolescentes no País, segundo dados de 1997”(BALLONE, 2006).

Infelizmente, temos que conviver com esse tipo de problema em nossa sociedade, já não bastassem os tantos outros.

Dizem que a família é o primeiro grupo social que fazemos parte, que é a base de todo ser humano. Eu me pergunto, que base uma criança que sofre violência doméstica pode

ter? Em quem ela vai confiar, que vontade de aprender ela terá se a sua base é a que menos a sustenta?

O meio familiar ainda é considerado um espaço privilegiado para o desenvolvimento físico, mental e psicológico de seus membros um lugar “sagrado” e desprovido de conflitos.

Para se chegar às raízes do problema da violência doméstica é necessário modificar esse mito de família, enquanto instituição intocável, para que os atos violentos ocorridos no contexto familiar não permaneçam no silêncio, mas sejam denunciados a autoridades competentes a fim de que se possam tomar providências.

A família é o espaço íntimo, ou deveria ser, onde seus integrantes procuram refúgio, sempre que se sentem ameaçados. No núcleo familiar acontecem situações que modificam para sempre a vida de um indivíduo, deixando marcas irreparáveis em sua existência, uma dessas situações é a violência doméstica contra a criança e o adolescente.

Violência não é só agressão física, é muito além disso, agressões verbais, ou mesmo comportamentos agressivos que a criança presencia, provoca o medo de tudo e todos, podendo a criança se comportar de maneira agressiva também, não respeitando o professor, não querendo aprender, ficando alheia a tudo o que acontece.

A criança cria um bloqueio no relacionamento com as outras crianças de sua idade, fica autoritária, querendo se impor perante os outros colegas. Penso que esse comportamento é a maneira que ela encontra pra fugir daquilo que a faz ter tanto medo, que a faz sentir-se rejeitada, agredida, corrompida.

No caso estudado, percebi que Lui se separava sempre, não queria participar das atividades, principalmente se fossem em grupo, e muitas vezes, montava o seu próprio grupo, ou seja, crianças menores e mais novas, afim de que ele pudesse estabelecer suas regras.

As conseqüências da violência doméstica podem ser muito sérias, pois crianças e adolescentes aprendem com cada situação que vivenciam, seu psicológico é condicionado pelo social e o primeiro grupo social que a criança e adolescente tem contato é a família.

Precisamos lutar contra esse tipo de violência para que nossas crianças possam viver sua infância sem medo, com vontade de descobrir o mundo de tantos conhecimentos, carinho e surpresas boas que as esperam.

Segundo Azevedo e Guerra, a violência doméstica pode ser definida como sendo (2001 apud ROSAS e CIONEK, 2006):

Todo ato ou omissão, praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e / ou adolescentes que, sendo capaz de causar dano físico, sexual e / ou psicológico à vítima, implica numa transgressão do poder / dever de proteção do adulto e, por outro lado, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento.

Se esse aluno fosse acolhido pela escola, o dano emocional seria menor e reversível, podendo talvez, ter a oportunidade de superar seus medos e limitações.

A criança e o adolescente são pessoas que estão em fase de desenvolvimento e para que isso aconteça de uma forma equilibrada é preciso que o ambiente familiar propicie condições saudáveis de desenvolvimento, o que inclui estímulos positivos, equilíbrio, boa relação familiar, vínculo afetivo, diálogo, entre outros.

Segundo Weiss (2004 apud Rosas e Cionek, 2006), aspectos emocionais estariam ligados ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento a expressão deste através da produção escolar (...).

Um ambiente familiar hostil e desequilibrado, pode afetar seriamente não só a aprendizagem como também o desenvolvimento físico, mental e emocional de seus membros; pois, o aspecto cognitivo e o aspecto afetivo estão interligados, assim, um problema emocional decorrente de uma situação familiar desestruturada reflete diretamente na aprendizagem.

Precisamos rever certos conceitos e estratégias de ação, pois a violência pode causar danos irreparáveis nos desenvolvimentos físico e psíquico de crianças e adolescentes. Muitas vezes, por tratar-se de um fenômeno polêmico que desestrutura o padrão familiar acaba sendo de difícil constatação, ficando assim, camuflado entre quatro paredes do que chamam de lar.

Na violência doméstica, os agressores costumam contar com um aliado poderoso que é o silêncio das vítimas, assegurados por medo, vergonha, sentimento de culpa. É esse silêncio que faz com que se torne difícil a intervenção e a possibilidade de tomar qualquer atitude.

Pessoas que trabalham com crianças e adolescentes, principalmente em instituições escolares, precisam estar atentas aos sinais, pois as vítimas pedem socorro não só através de suas vozes, mas através da linguagem corporal, de ações e de comportamento que indicam que alguma coisa não está bem, e que ela precisa de ajuda.

Devemos nos perguntar os fatores que podem levar a família tornar-se "mal tratante", compreendê-la como "partícipe de um problema que envolve uma complexidade de

determinantes culturais, sócio-psicológicos, econômicos, religiosos e psiquiátricos, cujas diferenças regionais interferem na sua compreensão" (SANTOS, 1991 *apud* DESLANDES,1994). Pensarmos maneiras em que a criança seja protegida e não perca seus vínculos, uma solução, seria optar por uma ação educativa e não-criminalizadora, entendendo que a melhor instituição para a proteção da criança é sua própria família.

O nível elevado de pressões, estresse e frustrações que a miséria traz, pode explicar porque as incidências dos casos se mostram maiores nas classes populares e camadas de baixa renda. Seria até ingênuo descartar tais fatos, porém se as análises não cotejarem as questões culturais, psicológicas e sociais, corre-se o risco chegar a conclusões eminentemente ideológicas, mais uma vez com prejuízos para tais classes.

As famílias de maior poder aquisitivo geralmente estão muito menos à mercê de serem notificadas, pois, ao utilizarem serviços privados de atendimento médico, psicológico e de educação, "pagam" também pela discrição. Isso não significa que não aconteçam casos como os da classe baixa, mas são sempre, ou quase sempre "maquiados" pra que não sejam percebidos, impedindo que a criança seja assistida.

1. AFINAL, O QUE É VIOLÊNCIA?

Um dos equívocos que se comete quando o assunto é violência, é tentar defini-la de forma ahistórica, atemporal e independente de qualquer processo cultural no qual ela está inserida. Ao tentar definir a violência como um conceito fechado em si mesmo, ignora-se a obviedade das mudanças de comportamento ocorridas ao longo da história, das transformações, das noções de certo e errado socialmente construídas.

Segundo Norbert Elias em “O Processo Civilizador” deve-se atentar à importância de compreender conceitos ou situações considerando o processo histórico, permitindo também compreender as mudanças sofridas.

O processo civilizador constitui-se de um brutal abrandamento das pulsões e das maneiras dos indivíduos. Os costumes tornam-se mais polidos, a cultura torna-se mais “sábia” e refinada, o homem, menos brutal. O resultado primordial desse processo seria a progressiva pacificação do espaço social. Essa crescente e gradativa pacificação só foi possível porque houve um aumento expressivo do autocontrole e uma mudança na expressão da agressividade humana. Segundo Elias (1994, p.190-191), “a agressividade foi ‘transformada’, ‘refinada’, ‘civilizada’ como todas as outras formas de prazer, e sua violência imediata e descontrolada aparecem apenas em sonhos ou em explosões isoladas que explicamos como patológicas”. Essa proposição poderia ser questionada, ao pensar-se no cotidiano e no contexto mundial, pois em todo o tempo há um “bombardeio” de informações sobre o expressivo aumento da violência. Ou seja, não tem sido incomum a expressão da violência nas relações cotidianas e o mundo moderno também tem dado mostras seqüenciais de violência descontrolada.

1.1 A violência antigamente e na atualidade

Hoje em dia, a violência física, não mais é usada tão comumente para resolver conflitos. O indivíduo que a utiliza para resolver qualquer tipo de questão fica à margem da sociedade, sofrendo sanção moral e até jurídica. A sociedade desaprova tal tipo de comportamento. Por outro lado, falhas ocorrem. O sistema tem suas brechas e não possui “olhos” para reprimir todo e qualquer tipo de violência, apesar de ser este o seu papel. Assim, volta e meia nos deparamos com noticiários abarrotados de informações chocantes. Mas, comparativamente, podemos dizer que as formas de violência modificaram-se ao passar dos

anos mas, infelizmente, ainda estão presentes no nosso dia a dia.

O processo civilizador ocidental teve como motor o surgimento do Estado, ou seja, a monopolização do poder por uma autoridade, tornando-se esta, a única com poderes para utilizar a violência. Essa autoridade instituiu exército, polícia, desarmamento de grupos e indivíduos, e, conseqüentemente, uma pacificação geral dos costumes. Houve, portanto, conseqüências psicológicas: a repressão dos impulsos espontâneos, domínio das emoções, ampliação do espaço mental, hábito de refletir sobre as causas passadas e as conseqüências futuras dos próprios atos. A partir daí, a vida torna-se menos perigosa, mas também menos apaixonada e menos agradável no que diz respeito à possibilidade de satisfazer os apetites com menos postergação. As pulsões passam a ser satisfeitas de modo sublimado (WOLFF, 2004).

O comportamento medieval, difuso e generalizado, em relação à violência é pouco tolerado nos dias atuais. As formas de lidar com os conflitos das sociedades medievais são entendidas como criminosas e intoleráveis para os nossos padrões sociais atuais.

Pode-se afirmar que a sociedade atual é menos violenta que a de outrora, portanto um crime de homicídio não teria o mesmo peso e interpretação nas sociedades medievais e contemporâneas.

É necessário entender que nas sociedades medievais, o padrão de comportamento era dado pela exaltação dos sentimentos, fossem eles de ódio ou de paixão. Nas sociedades contemporâneas e civilizadas, a expressão dos afetos é perpassada por autocontrole e racionalização. Qualquer manifestação mais impulsiva de raiva é tomada como fator de desqualificação do indivíduo. Existem situações bem definidas para o exercício menos controlado da agressividade, como os esportes e as guerras. Ou seja, é inegável que nas sociedades contemporâneas os riscos são menores, a renúncia da satisfação imediata dos apetites em prol da segurança dos indivíduos e do coletivo é maior.

Não se pode supor que, porque houve um processo civilizador, a violência está banida das nossas sociedades e restrita apenas à situações específicas. A violência permeia todas as nossas relações cotidianamente, como disse Elias, com mais controle e menos exaltação, “a vida dos seres humanos é repleta de contradições, tensões e explosões [...], a vida dos seres humanos em comunidade certamente não é harmoniosa”. (ELIAS 1994, p. 20)

1.2 Violência Simbólica

“Embora hajam definições da violência que a diferenciam de outros tantos comportamentos humanos, não há uma só violência. O conceito tem sido usado de forma abusiva para falar de muitas práticas, hábitos, disciplinas de tal modo que todo comportamento social poderia ser visto como violento, inclusive os baseados nas práticas educativas, tais como na idéia de violência simbólica proposta por Pierre Bourdieu”. (ZALUAR 2005, p. 01)

Alba Zaluar ilustra exatamente a dimensão que tem tomado o conceito e desta forma, a enorme dificuldade em operacionalizá-lo.

A dificuldade de operacionalizar o conceito de violência aumenta quanto mais simbólica e/ou abstrata é a sua manifestação. Há inúmeras situações que são sentidas como violentas, mas, de difícil classificação. São situações fluidas e fugidias. Há ainda outras violências que podem nem ser sentidas como tal, como é o caso da violência simbólica. A violência simbólica é tão mais eficiente quanto menos sentida como violenta e quanto mais legitimada ela é.

O conceito de violência simbólica foi elaborado por Pierre Bourdieu. Bourdieu preocupou-se com a violência sofrida através de sistemas simbólicos como a arte, a religião, a língua, a ciência. Para BOURDIEU (2004), esses sistemas exercem um poder estruturante sobre os indivíduos, ou seja, constitutivo. Mas esses sistemas só podem exercer esse poder porque estão socialmente estruturados. Esse poder que certos sistemas simbólicos têm sobre os indivíduos é denominado de poder simbólico. São estruturas capazes de impor realidades, de formar consenso acerca do sentido do mundo social, de excluir e incluir indivíduos, de determinar as noções de certo e errado. Essa noção de mundo é reproduzida indeterminadamente através de um processo de inculcar nos indivíduos ideologias, valores e moral, por exemplo. Esse processo é o que Bourdieu chama de violência simbólica. “É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação sobre outra (violência simbólica)”. (BOURDIEU, 2004, p.11)

E de que forma somos atravessados pela violência simbólica? Sendo inseridos no mundo social. Ou seja, ser um ser social implica em ser moldado, educado, violentado

simbolicamente, por um conjunto de idéias hegemônicas, por pré-noções de adequação e inadequação, por uma cultura dominante que garante sua reprodução por que entendida como legítima. No entanto, embora pareça algo simples e automático, é longo e complexo o mecanismo que transforma o arbítrio cultural de uma classe em cultura legítima.

A violência simbólica se distingue de muitas outras por não ser sentida como violência, mas não obstante ainda pode ser considerada enquanto tal, pois é causada pelo exercício de um poder, também simbólico, capaz de impor realidades, idéias, gostos, consenso, de subjugar sem dar, na grande maioria das vezes, não tem sequer a possibilidade de rebelar-se contra.

Embora o processo civilizador limite a violência física, o projeto da modernidade com sua individualização, amplia as formas de violência mais sutis, menos crassas, amplia formas de violência que podem surgir pela indiferença.

Equilibrar as relações indivíduo-sociedade é um desafio para os processos de coesão social, sociedade e violência são conceitos intrínsecos e interligados. A violência é um dos principais fatores de união ou aniquilamento de uma sociedade, ou seja, não há existência de sociedade sem violência, da mesma forma que não há sociedade que resista a constantes golpes desmesurados de violência.

2. O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

2.1 Desenvolvimento emocional infantil segundo Winnicott

Winnicott entende o desenvolvimento infantil como um produto da herança maturacional somada à acumulação de experiências de vida. A pré-condição para que esse desenvolvimento ocorra é a existência de um ambiente facilitador provido inicialmente pela mãe. (WINNICOTT, 1989)

O autor estuda o desenvolvimento saudável a partir da idéia de maturidade, esta relacionada à idade do indivíduo e sua relação com a independência e autonomia. Acredita que o humano tem capacidade inata para o desenvolvimento psíquico, possui potencialidade para estabelecer relação com o mundo externo, ficando apenas na dependência de um ambiente favorável para que esse potencial se desenvolva. Portanto, a visão de Winnicott quanto à constituição do sujeito perpassa a noção de dependência do ambiente. O eixo de seu trabalho reside no estudo do desenvolvimento do sujeito em termos de dependência do mundo, em como o sujeito estabelece uma relação com esse mundo.

Do nascimento até aproximadamente os seis meses de idade, o bebê vive a fase que o autor chama de “dependência absoluta”, em que o bebê tem uma grande dependência dos cuidados maternos. Gradativamente, o bebê vai passando de um estado de não integração para o de integração, em que ele vai aos poucos integrando suas sensações provindas de diferentes órgãos sensoriais. Aos seis meses de idade, o bebê possui certa unidade egóica que é diferenciada de um não-eu, apesar de ainda ser precária. Para esse processo de integração ocorrer, é necessário que o bebê, além dos impulsos internos que já possui, tenha recebido os cuidados maternos, aqueles cuidados especializados que permitem ao bebê unir os pedaços fragmentados de sensações. O adulto nesse momento funciona como um ego auxiliar para o ego, permitindo que o bebê esteja tranquilo mesmo tendo uma integração precária.

Outra questão a ser considerada é a relação entre psique e soma (corpo). O bebê vai aos poucos construindo uma integração psico-soma, ou seja, percebe que os pedaços de sensação que tem são dele, estão no seu corpo. O bebê vai aos poucos tendo noção de que habita esse corpo, ao unificar partes corporais e psíquicas – nestas últimas, o bebê percebe que os estados calmos e agitados são dele próprio. Aos seis meses, o bebê vai constituindo um eu corporal separado do mundo externo.

Winnicott fala do conceito de “mãe suficientemente boa” que é a mãe que vai desenvolver a “preocupação materna primária” (ou devoção materna), sendo este estado presente em geral no final da gravidez e nos primeiros meses do bebê. Se expressa pelo fato da mãe se identificar com as necessidades do bebê, não só necessidades instintivas, mas necessidades egóicas também (de ser aquecido, olhado pela mãe, pego no colo, cercado de cuidados). Se a mãe não propiciar o atendimento das necessidades do bebê nos seus primeiros meses, há um retardamento do processo de integração desse bebê.

De acordo com Winnicott, o caso de Lui chamou a minha atenção exatamente porque ele apresentou um comportamento diferente em função do abandono da mãe e a vontade de estar com ela.

A mãe nesse estado de preocupação materna primária atende o bebê de forma quase incondicional. As falhas maternas do período inicial de vida do bebê não são por ele compreendidas, não sendo passíveis de serem elaboradas. A denominação “ambiente suficientemente bom” ou “mãe suficientemente boa” justamente indica que a mãe deve falhar o mínimo possível nesse momento inicial de vida do bebê.

Aos seis meses do bebê, a mãe começa a falhar mais, a se separar mais do bebê, o que é um estado saudável, já que aos poucos o bebê foi se integrando e se tornando mais capaz de ser menos dependente da mãe. É a fase da dependência relativa. A mãe tem que falhar, ainda que o bebê reclame, tenha raiva, pois ele vai poder ver a mãe como uma pessoa separada de si.

Outro processo que o bebê tem que passar é a realização ou adaptação à realidade. A mãe vai apresentar o mundo em pequenas doses para o bebê: o quarto, a casa, as mesmas pessoas são constantes. É importante haver uma constância a ser apresentada ao bebê.

Winnicott (1979) formula o conceito de “experiência de ilusão”. O bebê deseja o seio da mãe, fantasia, alucina o seio. Ainda não pensa, pois ainda não formou o princípio de realidade (conceito que já pressupõe uma busca de encontrar no mundo real um objeto que já propiciou satisfação num momento anterior, e não só aluciná-lo). Ao fantasiar o seio, o bebê pode ao mesmo tempo receber o seio da mãe, sendo então produzida a experiência de ilusão: o bebê tem a ilusão de que a fantasia se torna realidade. O bebê tem uma experiência de onipotência, ou seja, acredita que possa ter tido o poder de criar o seio da mãe ou a realidade. A mãe promove essa sensação inicial de onipotência, ao dar o colo ou o seio quando o bebê quer. A realidade então enriquece a fantasia, incrementa a fantasia.

A experiência de ilusão propiciada pela mãe permite ao bebê adaptar-se à realidade. O bebê passa a desejar, a ter fantasia, o que o torna criativo. Alimentar isso inicialmente é bom para que aos poucos o bebê possa abrir mão da onipotência e ser desiludido pela mãe. Quando a mãe consegue aos poucos desiludir o bebê, ela o ajuda na tarefa de promover um maior contato com a realidade e diferenciação da fantasia.

Winnicott aborda a doença a partir da noção de trauma. Para ele, trauma implica uma quebra na continuidade da existência do indivíduo. Quando o indivíduo percebe a sua continuidade no existir, ele atinge o sentido do *self* (si - mesmo), seu sentimento de existir em realidade. Atingir esse senso de *self* (ou de ser) implica saúde, pois o indivíduo precisa se sentir real em suas experiências emocionais reais. Quando ocorrem experiências traumáticas em função de decepções com o ambiente, defesas muito intensas e rígidas podem ser acionadas dificultando esse contato com o real. Trata-se de situações complexas, dadas as implicações que acarretam. Relação com a violência familiar que é um trauma para a criança, logo a criança vítima de violência pode ter dificuldade no contato com a realidade. Um dos mecanismos que Lui utilizava era o de sempre se manter distante dos outros, não estabelecia e talvez não soubesse como criar esse vínculo.

Para Winnicott, estariam sujeitas ao processo de adoecimento aquelas pessoas que não experimentaram situações de desapontamento ou frustração quando bebês ou aquelas que sofreram fortes experiências traumáticas, carregando ansiedades impensáveis, intoleráveis e arcaicas.

2.1.1 Dependência e Independência

Para Winnicott, a maturidade engloba um caminho gradativo da dependência rumo à independência, mas esta nunca é completa ou absoluta, pois o indivíduo saudável não se caracteriza pelo isolamento completo do ambiente e dos objetos, mas sim estabelece com eles uma relação de interdependência.

O autor aponta dois tipos de dependência: a absoluta e a relativa. A dependência absoluta acontece no início do desenvolvimento emocional infantil, onde o bebê depende completamente da figura materna que o provê em suas necessidades e desconfortos com base na preocupação materna primária. Para Winnicott, a independência psicológica de uma criança é um potencial herdado, mas só se expressará a partir de um ambiente facilitador e propiciador. Já a dependência relativa ocorre logo após essa primeira, e envolve a tomada de consciência pelo bebê em termos de contato com a realidade a partir de falhas graduais na adaptação. Começa aos seis meses do bebê, época em que ele começa a perceber a se preocupar com a ausência da mãe e vai até os dois anos. Aos poucos, a criança se torna capaz de se defrontar com o mundo e com ele confrontar o que está em sua realidade interna, vivendo uma experiência pessoal satisfatória e envolvendo-se com a sociedade. Este seria o momento de busca de maior independência e corresponde ao período pré-escolar e à puberdade, se estendendo à vida adulta.

Quando um indivíduo sente fortes tensões e ansiedades intoleráveis, com frequência ele pode se ver sem recursos para elaborá-las, tendendo a realizar um movimento de recuo à posição de dependência infantil. Este tipo de situação caracteriza a regressão.

2.1.2 Self verdadeiro e falso self

Estes termos estão relacionados à organização defensiva do indivíduo. Quando uma criança está em processo de adaptação, mas ao mesmo tempo protege o seu *self*, ocultando-o, tem-se o que o autor chama de falso *self*. Este último diz respeito a um aprisionamento do *self* verdadeiro que é sentido como incapaz de funcionar e passa a ser

protegido, limitando as possibilidades de experiências vivas genuínas. A vida passa a ser vivida através do falso *self*, conduzindo o indivíduo a um senso de irrealidade. (A criança vítima de violência familiar talvez possa desenvolver esse falso *self* e deixar de desenvolver todas as suas potencialidades, sua criatividade). O falso *self* é a construção de uma fachada organizada inconscientemente para lidar com o mundo, uma vez que o verdadeiro *self* está impossibilitado de se expressar em função de algum TRAUMA (como a violência). O falso *self* busca não ser ferido novamente, funcionando como um mecanismo de defesa eficaz. Só que nem sempre ele é um mecanismo de saúde. Todo ser humano possui um *self* privado (pessoal, particular) e esse tipo de divisão faz parte de seu crescimento saudável, mas em situações patológicas esta divisão está diretamente relacionada à fusão da mente. (WINNICOTT - 1976)

2.1.3 Família e Sociedade

Para Winnicott, a família é fundamental para o enriquecimento da personalidade e para o desenvolvimento emocional de cada um de seus membros, pois corresponde ao primeiro agrupamento do qual cada unidade de personalidade pode se desenvolver.

Primeiramente, a relação de destaque é estabelecida entre o bebê e sua mãe. A figura paterna só surge neste momento inicial como uma duplicação da figura materna, participando da vida da criança enquanto aspecto materno duro e severo e que, aos poucos e em condições favoráveis, irá ser não só odiado, mas também aceito, amado e respeitado. A criança vive dentro da família conflitos de lealdade, pois experimenta um conjunto de sentimentos conflitantes com relação aos próprios progenitores.

De modo geral, Winnicott acredita que não há uma única família experimentada de modo idêntico por todos os seus filhos, mas sim para cada filho há uma família. Os padrões familiares de uma criança serão responsáveis pelas recordações que ela terá do passado e são com base nelas que a criança irá atribuir sentido ao mundo e às suas experiências. Que sentido ela atribuirá ao mundo e às suas experiências se ela sofrer violência da própria família? Ao sofrer algum tipo de violência e vivendo em uma família desestruturada, a criança atribuirá sentimentos de insegurança, desconfiança e até mesmo

incapacidade. Deveria ser papel dos pais levar a criança a um mundo que facilite sua adaptação, que a permita sentir-se segura e capaz, mas sendo esta família conflituosa, onde ela só recebe críticas e recriminações, sua tendência é evadir-se.

Para este autor, a sociedade nada mais é do que uma duplicação dos padrões dos indivíduos que a compõem (que sociedade será contendo entre seus membros vítimas de violência quando crianças?)

3. A CRIANÇA EM ESTUDO

3.1 Minhas observações em relação a Lui

Lui foi uma criança que me chamou muito a atenção, sempre ouvi falar em violência doméstica, mas o que ela é afinal? Até que ponto esta interfere na vida de uma criança?

Antes mesmo de conhecê-lo, a imagem passada para mim através de professores e funcionários, era de uma criança completamente mal-criada, respondona, pouco compreensiva, que não tinha jeito, pestinha, que às vezes se portava como u, bichinho do mato, essas características me fizeram pensar como pode em uma escola, que é um lugar onde o objetivo deveria ser educar e acolher, funcionários se portarem dessa maneira, de certa forma ignorando Lui, mas penso que alguns funcionários do apoio poderiam não ter contato direto com Lui, ou seja, reproduziam aquilo que ouviam, poderia não ser ouvido nesses termos, mas com certeza os comentários não eram em nenhum momento de acolher, de estender a mão para uma criança que sente dificuldades e também não havia o interesse em saber quais eram estas.

A sua história, até hoje me faz chorar quando me lembro. Lui tem uma história muito emocionante, que ao longo deste trabalho, pretendo descrevê-la e abordar algumas questões relacionadas à sua aprendizagem.

Nasceu quando a mãe ainda era adolescente, por volta dos 16 anos, não foi apenas o fato de ter engravidado cedo que tornava instável sua relação com o filho, era o fato de ser imatura, como a avó de Lui relatava em diversos momentos.

Meu primeiro contato, talvez tenha sido uma das mais marcantes experiências durante esse tempo que estou em sala. Ele não foi nem um pouco receptivo e fez questão de não ser mesmo. Penso que eu também, talvez, não tenha sido de maneira alguma agradável. Ainda não conhecia seu histórico familiar, nem escolar, sabia apenas que era uma criança com problemas, mas não exatamente quais.

A primeira conversa que tivemos foi curta e descortês, fui chamar sua atenção, pois estava querendo impor aos colegas como deveriam brincar, pedi que se sentasse ao meu lado pra conversarmos e, então, ele me deu a seguinte resposta: 'Você não é a minha mãe!' O olhar que ele me deu, a sua voz de raiva não me fez pensar duas vezes: 'Não sou e nem tenho

a menor intenção em ser, mas você vai me obedecer e respeitar enquanto eu estiver em sala. ' Meu Deus! Que arrependimento! Talvez tudo que ele tenha desejado seria um colo, não o da mãe, porque essa o abandonara muito cedo, aos dois anos de idade, mas de uma professora, alguém que pudesse escutá-lo e chamar sua atenção sim, mas desde que quisesse estar ao seu lado para dar a mão e seguir com ele, mostrando que o ajudaria quando precisasse.

Com o passar dos dias, comecei a observá-lo, a observar como sua avó era sempre mal humorada, a reclamar dele e de tudo que precisava fazer por ser a responsável por ele.

Observava cada passo seu, com os amigos, com os funcionários, com outros professores, nunca tinha total confiança em ninguém.

Com os colegas, brincava apenas com os mais novos, aqueles que conseguia manipular, convencer que a sua brincadeira era a melhor. Às vezes agredia, gritava quando alguém não concordava.

Com os funcionários eu sentia que ele não fazia questão de estabelecer nenhum tipo de vínculo. Um deles vivia reclamando de seu comportamento, às vezes eu sentia que sua fala era muito amarga quando falava de Lui, talvez sentisse até certo prazer em falar mal do menino. Aquilo me deixava entristecida! Talvez não tenha sido a criança mais dócil do mundo, mas era antes de tudo, uma pessoa que também precisava de carinho, afeto. Só não sabia como conseguir e onde pedir.

Durante o tempo em que estive na escola tive vários professores: de dança, de natação, de artes plásticas, de informática, de educação física, em sala de aula (C.A. à 2ª série, seu último ano na escola) e na turma do Integral, onde ficou durante o tempo em que estudei lá e onde tivemos contato.

Conversei muito com a professora que o acompanhou durante a maior parte do tempo. O Integral é a turma onde ficam as crianças de variadas idades que passam o dia na escola, pela manhã são oferecidas diferentes atividades, desde brincadeiras ao estudo diário e o dever de casa.

Em nossas conversas ela me relatou como Lui chegou à escola, das suas dificuldades em se adaptar, como a avó era com ele, que voltava das férias extremamente impaciente e se negando a participar e a colaborar nas atividades. Como ele tinha dificuldades em executar certos tipos de tarefas!

Era uma criança muito instável. Havia dias em que tudo ia bem e em outros tinha comportamentos agressivos recusando-se a fazer qualquer tipo de atividade, inclusive as que sempre realizava.

A sua professora do C.A., senti que ela o rejeitava. Não apenas ele, mas também a avó. Talvez para “evitar aborrecimentos”, não quis resgatar, quem era aquele aluno e o que ele precisava. Como professora, deveria saber o que estava acontecendo com aquela criança, porque o seu comportamento tão inconstante, a falta de interesse tão presente, o seu desenvolvimento pouco progressivo, se ela procurasse entender o mínimo sobre essa criança, resgataria sua história, seu interesse e emoções que sempre se mostraram tão fragilizadas.

Talvez pelo comportamento e atitude da professora diante da situação de Lui, os colegas dessa classe também o rejeitavam, fazendo com que os pais o rejeitassem também, já que as crianças reclamavam das agressões sofridas.

3.2 Lui segundo a escola

3.2.1 O primeiro ano de Lui na escola

Lui chegou para nós no ano de 2004 com um grave comprometimento na aprendizagem, pois com sete anos não conseguia demonstrar seus conhecimentos de leitura e escrita.

Mostrava-se uma criança fechada, arredia, agressiva e isolada do grupo e professores. Era visível a sua total falta de confiança.

Quando conseguia ficar dentro da sala de aula, parecia estar alheio a tudo e por muitas vezes dormia, era muito difícil conseguir prender sua atenção por um longo tempo. Outras vezes, agredia os outros alunos, professores e funcionários da escola. Costumava fugir da sala e se esconder pelo colégio. Parecia comportar-se desta forma possivelmente para testar como reagiriam ao perceber sua fuga.

Mostrava muita dificuldade em assimilar os conteúdos, em se relacionar com os colegas e com a professora.

A escola, no seu papel de educadora, quando percebeu o relacionamento de Lui com a família, tentou de alguma forma orientar a avó, que fazia rudemente o papel de mãe, pois esta mora fora do país desde que Lui tinha dois anos.

3.2.2 O segundo ano de Lui na escola

No ano seguinte, por orientação da escola, Lui fez a Classe de Alfabetização. Foi feita uma avaliação neurológica. A partir dessas avaliações, o neurologista receitou o

remédio Ritalina que o deixava parte do tempo apático e sem apetite. Foram feitos além dessas avaliações, acompanhamento psicológico e fonoaudiológico. Além desses tratamentos, foi colocado no período integral dentro da escola.

Quando Lui chegou ao Integral, demonstrava ser uma criança agressiva e arredia com medo de se expressar e mostrar sua capacidade, pois além de todos os problemas de rejeição familiar, achava-se incapaz de aprender. Piorou muito, depois de ter sido reprovado na Classe de Alfabetização.

Aos poucos, depois de perceber quem era o Lui e de procurar saber como era a vida dessa criança em família, a professora do Integral conseguiu uma aproximação, onde mostrava que ele poderia conquistar seu espaço, ou seja, construir laços de afeto, de amizade, realizar as tarefas sem o medo da cobrança, ser acolhido ao sentir dificuldades. A partir disso foi criado um vínculo e confiança mútua. Era feito sempre um acordo: ele fazia os deveres propostos pela professora da tarde (C.A.) em troca de algum jogo que ele dominasse. Quando percebia que este era voltado para a demonstração de aprendizagem, simplesmente se recusava a jogar, não tinha tanto interesse em aprender e sim em se divertir.

Necessitava amor, mas também muita firmeza por parte da professora, pois ele precisava testar se as pessoas queriam realmente o seu bem.

Mostrou, ao longo desse ano de 2005, muitos altos e baixos, em relação ao seu comportamento e à sua aprendizagem, principalmente nos períodos que precediam as visitas da mãe (que eram raras). Nessas épocas, seu rendimento parecia estacionar.

Lui não gostava de receber ordens nem de ser contrariado. Por esse motivo preferia brincar e se entrosava melhor com as crianças mais novas que ele. Assim parecia poder exercer sua autoridade mostrando sua competência.

Gostava muito de participar das aulas de natação, artes cênicas, artes plásticas e dança, por serem aulas livres onde podia se expressar sem medo da repressão.

Seus desenhos eram sempre de monstros, caveiras, armas e alguém ferido, sempre desenhados em preto. Recusava-se a usar lápis de outras cores.

Quando criava histórias, era sempre sobre alguém que matou, apanhou ou que morreu.

Com o decorrer do ano, Lui mudou muito o seu comportamento, principalmente no período da manhã, sentindo-se amado e seguro. Quanto mais ficava longe de casa, ou seja, as semanas em que ia todos os dias a escola, nos dois turnos, parecia outra criança. Ria, fazia piadas, inventava histórias e músicas. Adorava mostrar para o grupo suas criações pedindo sempre para que as crianças o ouvissem com atenção. Houve uma troca muito grande com a

turma do Integral. Ainda tinha um certo receio, mas já conseguia estabelecer algum laço afetivo. Foi nessa troca que Lui escreveu o seguinte poema:

“Pensei que esse amor podia durar
Só eu para você,
Só você para mim.
Quando eu olho para o céu
Eu penso em te ver
Mas eu não posso
Por que você não foi comigo?
Eu só penso em você
Por causa do seu amor
Queria que você voltasse
Nos meus sonhos
Quando eu olho para o céu
Eu vejo as estrelas brilhando
Eu penso em você
Por que você não voltou?
Desculpe mas eu arranjei outro homem
Eu só queria te falar que eu te amo muito
Eu penso tanto em você
Logo agora não dá mais
Para eu voltar para os seus colos
E negar o que eu fiz.
Eu vou ter que esquecer o nosso amor
A única coisa que eu queria te dizer
Que eu te amo.”

Na turma do C.A., houve pouco progresso, já que a professora responsável, fora a mesma do ano anterior. Ela não procurou estabelecer um vínculo mais próximo a Lui. Não houve mudança em seu relacionamento com a avó, não procurou vê-lo com outros olhos, talvez porque ele tenha tido uma melhora ao longo do ano, devido aos tratamentos e à sua participação na turma do Integral.

A professora em questão, do C.A., continuou não percebendo suas dificuldades de aprendizagem, conseqüentemente não trabalhando maneiras de reverter sua situação.

Isso fez com que a confiança que havia conquistado em si-mesmo e na escola permanecesse abalada.

3.2.3 O terceiro ano de Lui na escola

No ano seguinte, já na primeira série (e ainda no período integral), a professora responsável pela turma trabalhou bastante seu relacionamento com ele visando criar um vínculo, já que seu histórico era de uma criança difícil, aparentemente com problemas familiares. Apesar do vínculo criado, a professora não conseguiu que ele progredisse como ela esperava. Talvez por nunca ter a atenção por parte da professora do C.A., os outros vínculos que tentava criar eram apenas superficiais.

A sua aprendizagem ainda era muito afetada pelo seu estado emocional em relação à família. Esteve bastante adoentado, com pneumonia, o que acarretou um afastamento temporário da escola, pois sempre que se resfriava não ia à escola. Por este motivo, ficou mais tempo com a família, a avó, o que afetou bastante no seu desenvolvimento da aprendizagem, a avó por não ter nenhuma instrução, segundo ela mesma relatou, não o incentivava a leitura, fazer os exercícios, o que o atrasava bastante no período da tarde, pois não conseguia acompanhar a turma.

Diante de seus altos e baixos durante o ano, Lui, com dificuldade e ainda com déficit no progresso, conseguiu reunir o mínimo de condições necessárias para ser promovido para a segunda série.

Os acompanhamentos com a fonoaudióloga, a psicóloga e o neurologista foram sempre cobrados pela escola, o que também o ajudou bastante.

3.2.4 O quarto ano de Lui na escola

No ano em que fez a segunda série, Lui não conseguiu render, apesar da professora da tarde conseguir, apesar de toda resistência por parte de Lui, estabelecer um vínculo afetivo com ele, pois ela trabalhava no Município com crianças com necessidades especiais, o que a ajudou a entender melhor seu quadro de dificuldade.

Lui foi tirado pela avó dos acompanhamentos dos profissionais acima citados, o que o deixou extremamente abalado, perdido. Começou a faltar muito no período da manhã, o

que acarretou um abalo no seu relacionamento com a professora e com os demais na turma do Integral, ficou novamente doente, com catapora, faltando muito à escola, mais do que o ano interior, porém essas faltas não foram consequência apenas da doença. A avó o matriculou também em um curso de inglês, que ele dizia não gostar, mas precisava aprender.

Com a promessa da avó de que se aprendesse inglês ele iria finalmente morar com a mãe, na Inglaterra, Lui começou a se importar menos com a escola, faltava quase sempre que sentia vontade. Já no final do ano, saiu do período Integral, se desinteressou por todos os assuntos ligados à escola, regredindo muito no aprendizado e no comportamento, voltando o seu estado emocional ao estágio primitivo, voltou a ter dificuldades em se relacionar, em confiar nas pessoas, em estabelecer qualquer tipo de vínculo.

Sua escrita parecia ser a de uma criança que começava o aprendizado. Recusava-se a fazer qualquer tipo de exercício. As tentativas de negociação eram quase em vão. Muitas vezes dizia que havia feito os exercícios de casa e simplesmente desenhava os desenhos mórbidos do seu primeiro ano na escola.

Quando chegou ao final do ano, a escola constatou que Lui havia abandonado todas as terapias. Assim, a avó e a mãe foram aconselhadas a procurarem uma escola especializada para ele. Então elas informaram que Lui, no ano seguinte, moraria fora do país com a mãe.

4. A ESCOLA ESTÁ PREPARADA PARA RECEBER, ACOLHER, TRANSFORMAR ESSA SITUAÇÃO?

Esse tópico se inicia com uma pergunta que possivelmente não terá respostas prontas, pois em si é uma questão a ser refletida em torno de outras mais complexas. No processo do saber, o mais relevante é fazer perguntas, pois elas nos instigam e possibilitam um momento transformador.

Vygotsky (1998) relaciona o processo de aprendizagem com a construção entre a criança e seu meio, seguindo em conjunto com seu processo de maturação da aprendizagem, como dois processos que ocorrem concomitantemente. O mesmo autor traz o conceito de zona de desenvolvimento proximal, definida como:

(...) a distância entre o nível de desenvolvimento real que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução independente de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1998, p.112)

Diante das reflexões até aqui apresentadas, é possível questionar o papel da escola e se, nesse papel, se coloca a possibilidade de elaborar a questão da violência e sob que foco.

Uma escola transformadora é aquela que trabalha na inclusão, nas diferenças, no questionamento, no saber e na relação entre educador e educando. A questão da violência doméstica deve ter uma atenção especial, pois se não for percebida e não houver a atenção necessária, a criança não conseguirá estabelecer uma relação de confiança e assim ter segurança para falar das suas dificuldades, problemas afetivos, medos e principalmente, da sua relação com a família. A escola tradicional não abre espaço para a criança ser acolhida, não conseguindo se sentir à vontade para se expor, pois teme ser rejeitada.

O não acolhimento por parte dos professores está diretamente relacionado com a escola como sendo uma reprodutora da própria sociedade: excludente, competitiva e autoritária, fazendo com que a criança não se sinta segura nem mesmo longe de casa, não tendo a oportunidade de mostrar seus interesses, seus medos e de estabelecer uma relação em que possa falar sobre o que se passa dentro de casa. No sentido de que é uma reprodução do

social existente e excludente, onde as diferenças necessitam ser aniquiladas em prol de uma verdade soberana e absoluta: a de não saber. É uma escola de aprender, não de apreender. Logo, não transforma e auxilia para que a distância da relação do saber aumente diretamente a implicação do aluno na instituição e, assim, pouco valor ela passa a ter para ele, sendo como o conhecimento que nela poderia aprender.

4.1 A relação família e escola

Ainda hoje, são comuns situações em que pais atacam a professora e a escola, sob acusações de não se interessarem e a falta de responsabilidade pela criança, infelizmente, no caso de Lui, não havia alguém para intervir sob esses aspectos. Sendo assim, durante os dois anos que cursou o C.A., não fosse o apoio de sua outra professora, a do Integral, talvez Lui jamais conseguisse chegar à primeira série. Como professores, não podemos deixar que casos como o de Lui passem despercebidos, pois a nossa responsabilidade sobre a aprendizagem e a vontade de aprender de uma criança é fundamental no exercício de nossa profissão.

Cabe a nós como educador, e deveria ser também tarefa inquestionável dos pais, os educadores naturais, encorajarmos a criança a confiar e ser autêntica, isto permitiria um melhor ajustamento ao meio, tornando-se mais seguro de si mesmo. Em educação, serenidade, prudência e firmeza, devem ser fatores dominantes e primordiais.

É importante não esquecer que o desajustamento entre o meio escolar e a incompreensão deste ou a incompatibilidade entre pais e mestres, podem levar a criança ao desenvolvimento de hábitos negativos. Pais e mestres deveriam refletir a enorme responsabilidade que carregam em dar sentido à existência quando a criança se sente incompreendida ou amedrontada.

A colaboração compreensiva e confiante entre a família e a escola, é fundamental para o êxito e desenvolvimento da criança, percebe-se que não houve essa colaboração no caso de Lui, pois a escola não percebeu o seu déficit de aprendizagem relacionado ao difícil convívio com a família e sim pelo que consta no relato, dando a entender como sendo uma criança portadora de necessidades especiais, precisando assim, de uma escola que o atendesse nas mesmas. Precisava de uma atenção maior, de uma aproximação mais cuidadosa, mas não ao ponto de ser encaminhado a uma escola especial. Notei que era uma criança que muito capaz, que suas dificuldades poderiam ser trabalhadas de outras maneiras, mas era preciso compreensão da nossa parte e uma troca onde ele percebesse que poderia confiar e pedir ajuda, o que não aconteceu no C.A.

Durante a infância, a criança aceita bem qualquer tipo de pessoa, desde que não a traumatize, pois, é comum que ela repita atitudes vista nos adultos, a criança busca nos adultos um espelho daquilo que a faz se sentir feliz e segura.

Lui não tinha em quem se espelhar, em casa sentia-se abandonado, na escola era rejeitado, talvez isso explique os seus desenhos mórbidos e atitudes quase sempre agressivas.

O ato de educar em algum momento pode frustrar o educando. É importante que esta frustração seja a menor possível, desse modo permitiremos ao mínimo, espontaneidade e poderemos levá-lo a confiar em si mesmo através das dificuldades que consegue vencer. Através de atos como este, de não frustrarmos tanto a criança, construiremos laços que a permitirão acreditar que é capaz, ver que suas dificuldades podem ser vencidas, basta nós professores nos dispormos a isso, e estendermos a mão, não deixando de lado aqueles que precisam não apenas ser ensinados, mas sim cuidados e amados como criança.

Nós educadores devemos revisar nossas fórmulas educacionais e valores éticos para que medo, agressividade e a desconfiança sejam combatidas em nossa sala de aula, pois é na infância que os nossos princípios hão de ter força e atuação máximas. Nossa responsabilidade sobre uma criança é algo que pode afetá-la em todo o seu percurso de vida, cabe a nós escolhermos como iremos marcar a vida de nossos alunos, se positiva ou negativamente.

4.2 A família e a sua responsabilidade como educadora de uma criança

A família é a orientadora natural da infância, e só não orienta caso ela não exista ou caso seja desequilibrada, o que se mostra claro na vida dessa criança. Os laços de sangue que unem pais e filhos deveriam facilitar as coisas, mas como facilitar se a criança não tem laços com a mãe além do laço de sangue?

5. AS CONSEQÜÊNCIAS CAUSADAS PELO ABANDONO E REJEIÇÃO SOFRIDOS POR LUI

Os laços que uniam Lui à família parecem ter sidos cortados, os seus alicerces tremeram, chegando a ruir a partir do momento de abandono e da rejeição por parte de sua mãe. Diante dessa situação sua segurança perdeu-se, fazendo com que ele se afastasse, tornando-se arredio. Perdeu toda a sua confiança, pois como sabemos, a família é, ou deveria ser a base de todo ser humano, e Lui, nunca teve essa base para apoiá-lo.

Um choque de sentimentos contraditórios e sombrios em sua mente torna visível o seu esforço em reagir para não se anular, não se sentir inferior, para sobreviver aos seus medos e as tensões por que passa. Afastou-se da própria infância, tentando impor aos coleguinhas aquilo que talvez estivesse sofrendo por aqueles com quem convive. Perdeu o colorido e a alegria de ser criança. Seu modo de ver a realidade tornou-se a sua verdade individual. Ele passa por uma fase em que há o surto da imaginação, mas isso pertence a seu mecanismo psicológico interno. Não compete ao adulto mantê-lo nesse mundo irreal. Antes, suavemente levá-lo a compreender suas fantasias. Isto era percebido através dos desenhos, histórias e dramatizações sempre mórbidos. Mas vê-se claramente que não há essa possibilidade, de ele ser trazido aos poucos de volta ao mundo real. Não tem em casa a mãe e nem mesmo a avó para cuidar, proteger e ajudar. Na escola, a professora talvez ainda não tenha percebido que o que ele necessita é muito além de explicações relacionadas ao conteúdo dado em sala de aula. Ele precisa viver como em contos de fadas, de magia numa certa fase da vida, como o homem precisou de seus mitos outrora, mas não são eles mais que símbolos e encontram correspondentes na vida real: a fada azul, que é boa, seria a imagem da mãe ou da professora, os anõezinhos engraçados seriam como os bebês que são ingênuos e fazem coisas de que os maiores riem. Ele precisa viver como criança, ser amado, ter a oportunidade de sonhar, brincar como criança. Vivendo longe da mãe, com uma avó que não lhe dá carinho, não se sente amado, não tem sonhos como as outras crianças, que tem alguém para lhes ouvir, abraçar, dar o carinho que necessitam e proteger nas horas que surge o medo, suas

brincadeiras envolvem sempre muita agressividade, imposições, não sente necessidade de compartilhar com os outros.

5.1 A figura da mãe na vida de Lui

A questão que se mostra muito visível e que afeta claramente essa criança é a falta de interesse da mãe pelo filho, a atitude de não manter o elo, de não tratá-lo como criança, como um filho que precisa de carinho e cuidados. Segundo as falas de uma das professoras e do próprio Lui, que demonstrava a vontade de estar perto da mãe, e essa não o levava.

No fato biológico da maternidade, isto é, a concepção, não está a grandeza de ser mãe; ela nasce do exercício consciente da função, do trato direto com o filho, vendo nele a pessoa humana; não um objeto que lhes pertence, sobre o qual podemos agir, projetando nossos desejos, ambições, desenganos e frustrações. A mãe deve se preparar, muito antes da concepção, para atender, ela mesma, às necessidades do filho, principalmente nos três primeiros anos de vida.

Temendo fracassar, essa jovem mãe depositou toda a responsabilidade nas mãos da avó, que era a parenta mais próxima. E deixou-se ficar como espectadora, sem meios e intenção de intervir, já que não mora mais no Brasil, mandando apenas dinheiro para seu sustento, dinheiro que na maioria das vezes não era utilizado com ele, mas com a avó.

Sendo o homem um ser social, suas características humanas vêm da vida em grupo. Esse processo começa na família, uma pequena amostra da grande sociedade, que possibilita aos indivíduos integrarem-se em diferentes grupos, mas não tendo um apoio e não tendo uma família que proporcione essa amostra, essa base para estabelecer essa integração, Lui encontra muita dificuldade em se relacionar com as outras crianças e mais ainda com os adultos.

5.2 As dificuldades de Lui

Uma criança vítima de violência doméstica apresenta algum tipo de dificuldade. Lui, a criança em estudo, apresentava dificuldade de aprendizagem e também em se ajustar à vida em grupo, requerendo uma atenção constante para se integrar à coletividade, para se sentir útil e feliz. Isso praticamente não acontecia, pois não tinha a devida atenção por parte do professor. Talvez não conseguisse aprender e resolver as questões em sala por não entender os dados ou por não conseguir se concentrar devido à grande instabilidade por influência dos fatores emocionais, dos problemas afetivos, por sua falta de confiança, pois não confiava em si mesmo nem em suas decisões.

Desde muito cedo as crianças são colocadas em posições muito diversas para aprender. Mesmo tratando-se de aprendizagem sistemática ou assistemática, ambas se processam em família e/ou na escola. Essa criança foi deixada ao abandono, entregue a si mesmo, sem estímulos convenientes. Não era possível acompanhar o ritmo imposto pela divisão das matérias e programas nas turmas. Suas dificuldades em aprender, tornava-o rebelde, perturbando os outros, desafiando professores e até mesmo outros funcionários. Tudo isso leva a crer que é uma consequência do relacionamento difícil com a avó, como ele falava em diversos momentos, que não o compreendia e não lhe dava a devida atenção e principalmente pela falta que sentia da mãe. Era fácil perceber em nossas conversas. Ele relatava que a avó não o deixava brincar, que não tinha nenhum colega na vizinhança. Na época em que visitava a mãe, comentava que iria vê-la, que gostava de ir pra lá.

Talvez, dada a natureza dos programas e currículos oferecidos pela escola, olhados apenas qualitativa e quantitativamente, isso tenha feito o menino perder sua espontaneidade e a oportunidade de realizar experiências das quais ressaltariam vivamente seus interesses, conhecimentos, vivências, sendo obrigado apenas a memorizar, criando um bloqueio em relação às lições orais e escritas. Tendo dificuldades de associar o que aprende, esse método de decorar, de aprender sempre no automático, só tende a piorar o seu processo de aprendizagem, devido as dificuldades que encontra e principalmente as que vive. A sua aprendizagem não pode ser entendida apenas em função do rendimento escolar, ela deve ser avaliada sob aspectos psicológicos e sociais também.

Não se pode falar em educação sem antes compreender o educando, como indivíduo tanto biologicamente como ser social e que se insere numa cultura.

Não pretendo afirmar que sejam essas, unicamente, as condições indispensáveis ao equilíbrio físico e mental, há acidentes que escapam completamente à mais perfeita organização familiar, e há também outras influências, decorrentes de uma herança negativa uma família desestruturada. Existem famílias, que poderiam ser julgadas perfeitas, caso o perfeito existisse, onde, surpreendentemente, aparece uma “ovelhinha negra”.

O que há, na verdade, são as dificuldades psíquicas por que passa a criança para amadurecer e adquirir autonomia, emancipando-se, afetivamente, da tutela dos pais.

A conduta da mãe perante o filho parece decisiva na sociedade moderna. O pai importa, e muito, mas a influência materna nos primeiros anos de vida é fundamental. Esses laços entre mãe e filho tendem a se criar e se estreitar durante a gravidez e na primeira infância.

Devido ao abandono, à falta de esclarecimento da avó, a perda do pai, e ao meio que viveu durante boa parte da infância, até os sete anos (em uma favela), tudo isso levou Lui a não querer “aprender”.

5.3 As aquisições de hábitos e atitudes

É nas fases de maior plasticidade, quando o ser reage mais vivamente e é mais sensível às forças que sobre ele atuam, isto é, ao meio que ele vive, que se faz a aquisição não só de uma equipe de hábitos e atitudes, como de conceitos, conhecimentos e técnicas, que lhe permitirão, de uma parte o ajustamento ao grupo e de outra a formação de um esquema sobre o qual se desenvolverá sua profissão, ou as atividades. Problemas emocionais poderão aparecer mais tarde e podem ter raízes nessas mais remotas influências, diretamente relacionada à constelação familiar.

5.4 A instabilidade por que Lui passa

Para compreender as mudanças de humor, comportamento e de aprendizado, há de se entender que a criança, à medida que se desenvolve, incorpora à personalidade uma espécie de censura, que muitas vezes começa no ambiente familiar, neste caso, mais especificamente

da avó, com quem tem mais convívio. Tendo a mãe o abandonado muito cedo, conseqüentemente vetando certas condutas, a criança, percebeu desde cedo, de maneira vaga, a perda, não do amor em si, mas do carinho e atenção que ela deveria proporcionar e também da avó que achava um “peso”, dando um tipo de “amor” que não é compatível às necessidades da criança. A avó diversas vezes reclamava a responsabilidade que a filha deixara por Lui e dizia que não estava mais em idade pra isso.

Lui demonstrava toda sua carência devido ao abandono e desamparo sofridos, em formas de ações anti-sociais, ou seja, tentando agredir os outros da mesma forma que se sentia agredido.

Esse tipo de comportamento que Lui demonstra, aparenta de certo modo uma compensação, da falta que sentia de ser ouvido, amado, cuidado, de conquistar afeto.

O ser humano precisa ser admirado de alguma maneira, não importa em que, mas, sentir-se aceito pelo grupo. A criança para ser estável emocionalmente e sentir-se feliz, deve ser amada e aceita como ela é, destacar-se por uma capacidade, habilidade, ou um talento qualquer. Tarefa esta que deveria ser exercida pela professora, mas sempre foi deixado de lado, não despertando no aluno nenhum tipo de interesse e atenção.

O ambiente escolar deveria proporcionar à criança estímulos para valorizar suas competências e habilidades. Por isso é essencial que todo professor preste mais atenção em seus alunos, estabeleça uma relação mais afetiva, escute o que a criança tem a dizer. Talvez, se a professora dessa criança procurasse entender o porquê das agressões vindas de sua parte e da sua falta de interesse em relação às atividades propostas, conseguiria ajudá-la na construção das suas aprendizagens, sentir-se cuidada criando condições para ter mais confiança em si mesma e nas outras pessoas.

É necessário assistir à infância, como garantia de saúde física e mental de toda criança. Agindo assim, teremos crianças, jovens e adultos mais ajustados e seguros, conseqüentemente, uma sociedade menos agressiva e violenta.

6. A APRENDIZAGEM DE LUI E O PAPEL DE SUA PROFESSORA

“O pensamento não pode ser entendido como um jogo mecânico de imagens, nem como tal há de ser estimulado no processo de aprender.” (Cardoso, 1968).

No círculo familiar, geralmente a criança adquire a palavra e pensa natural e produtivamente, de acordo com suas possibilidades intelectuais. Ao ingressar na escola, já adquiriu considerável aprendizagem em relação à linguagem.

Em um sistema escolar, onde se trabalha com grupos, este pode ser considerado mais rígido, ou até mesmo mais flexível. Isto vai depender a maneira como o professor vai trabalhar esse grupo.

Embora a professora soubesse, simplesmente desconsiderava o fato de que cada educando tem o seu tempo e sua maneira de aprender, ainda assim continuava a olhá-los como grupo, esperando um resultado único, o que se sabe, não acontecia. Não procurava formas de trabalhar o grupo visando a participação de todos, aproximando cada um entre si, permitindo Lui participar, permitindo que a atenção que ele precisava, fosse dada por alunos. Não procurou maneiras de trazer essa criança pra dentro do grupo, sendo assim, Lui não aprendia e não confiava nas pessoas à sua volta.

O tema aprendizagem é relevante em nossa cultura e muito mais complexo do que pode parecer. As consequências de um insucesso de uma aprendizagem, pode se estender por toda vida escolar, no caso de Lui ela poderia atingir mais ainda sua vida emocional negativamente.

Considerando as suas dificuldades, podemos perceber uma série de fatores envolvidos como a não capacidade da professora, em ajudá-lo a superar as suas dificuldades, sua velocidade individual de aprendizagem, que não foi considerada pela professora do C.A. ou talvez nem percebida, a não formulação de um processo adequado ao seu nível de desenvolvimento e estado emocional.

Tendo Lui ingressado na escola, numa idade considerada boa para a aprendizagem de leitura escrita, foi colocado a relacionar-se com conhecimentos e técnicas jamais vistos por ele. Foi exigido de forma incompreensiva, que ele tomasse conhecimento dessas técnicas em um curto período, não teve qualquer tipo de apoio e percepção em relação às suas dificuldades

por parte da professora, esta condicionava situações pouco favoráveis ao seu desenvolvimento e à sua aprendizagem.

No campo da educação o ser humano é o objetivo, e o que mais vale é o que se realiza na coletividade a qual ele pertence e sob cuja influência evolui. (Cardoso, 1968).

Quando se trata de atuar sobre uma criança com o objetivo de educá-la temos de conhecê-la não apenas como um ser humano, mas como produto de uma época e lugar nos atentando as peculiaridades que a individualizam dando-lhe personalidade própria.

A instabilidade emocional é um fator que tende a impedir o indivíduo a fixar sua atenção, conseqüentemente impedindo uma aprendizagem eficaz.

Talvez não existam recursos para eliminar a instabilidade emocional, mas há maneiras de se trabalhar para melhorar as condições da aprendizagem e do ajustamento social.

Há uma série de fatores que perturbam a aprendizagem, e o educador deve tomar conhecimento para não atribuir esse fracasso apenas à instabilidade.

De maneira geral é importante que o professor investigue o meio em que a criança com déficit de aprendizagem vive conhecendo-a tanto quanto a dinâmica afetiva familiar, quanto a situação econômica cultural e moral. Desta forma, poderá utilizar esses conhecimentos a favor da aprendizagem da criança.

A criança deve viver protegida de impactos emocionais e da participação de problemas do adulto, pois vivendo sob forte pressão emocional tende a se opor ao trabalho escolar, pois como vimos com Lui, tinha dificuldades desde estabelecer relacionamentos, até a aprender os conteúdos e concluir os exercícios que eram propostos.

A educação na infância deveria ser a melhora garantia de felicidade para a vida adulta, paz interior, alegria, amor a vida e ajustamento social.

A conduta da família importa bastante na evolução da aprendizagem, é ela a primeira educadora sistemática. Pode se constituir em um ambiente favorável ou desfavorável. A escola deve conduzir a formação de hábitos e a aquisição de conhecimentos de forma sistemática.

A escola, com sua ação sistemática, realiza obra de grande importância quanto a aprendizagem, ao receber o aluno, ela já encontra comportamentos favoráveis ou desfavoráveis, determinados hábitos e atitudes já fixados. A professora deveria usar, para conduzir Lui à aprendizagem, técnicas de linguagem, envolvendo leitura e escrita de maneira que ele fosse atraído, instigado a querer aprender.

Quando escolhemos essa profissão, pensamos não só em educar, mas também instruir, de uma parte e de outra, levar a aquisição de hábitos. Pois educar engloba educação e socialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola deve buscar incansavelmente diversas maneiras de despertar nos pais o acompanhamento no desenvolvimento dos filhos. O diálogo com a escola deve confirmar no aluno a confiança e a seriedade com a proposta de ensino que ele está vivenciando. A escola não deve assumir as atribuições dos pais por ter sua função definida e em muitos pontos diferenciada da família.

Diante de qualquer desafio educacional, a escola precisa propor novos meios, existem papéis intransferíveis entre escola e família. A compreensão do que compete a uma e à outra precisa ser definida, assim como o que lhes é comum.

Apesar das reformas no ensino, das pesquisas sobre o comportamento humano, continuam existindo crianças e jovens que entram e saem das escolas marcados por inconstâncias familiares repercutindo diariamente na sua vida de estudante. A escola deve estar cada vez mais preparada para viver as tensões que se configuram no seu espaço. Ela deve também, avaliar seus recursos e métodos para garantir a qualidade do seu ensino e responder a sua função social.

A formação e o papel do professor mostram-se de forma bem mais profunda do que apenas o aprendizado do currículo necessário e estabelecido pelo Ministério da Educação, mas passa por uma formação pessoal acima de tudo. Sob esse aspecto, há que se repensar na formação desse professor, já que a formação pessoal não é privilegiada e, muitas vezes, nem colocada na formação do docente.

É relevante, então, que a formação do professor esteja estruturada nesses moldes de pensamento, no lugar onde está sendo discutido, no presente estudo, o saber e o papel da escola diante da violência doméstica.

O papel do professor, então, precisa ser de colaborador desse processo, e co-participante da aprendizagem da criança, onde ele também passa a ter a possibilidade de aprender.

Outro aspecto relevante ao se pensar na relação aluno-professor e o processo de aprendizagem neste caso, seria a questão do afeto, pensando no fato que na relação não há como excluir o mesmo.

Onde há escuta, acolhimento, respeito e disponibilidade para a fala do outro, penso que a agressividade e não necessita e não ganha espaço de atuação. O sujeito encontra lugar para sua existência reconhecida pelo outro, e nesse aspecto, seu desejo encontra o caminho da troca e da criação através do conhecimento.

Na relação professor-aluno, seria preciso re-significar e transformar valores como autoridade, poder, erro, atenção e no processo de aprendizagem, entre outros, a fim de inaugurar um novo campo de elaboração do conhecimento, onde o que se torna relevante é o processo de aprendizagem e o sujeito em si.

Há alguns dias, inesperadamente recebemos em nossa sala a visita de Lui, senti como um presente, pois constatei que a partir do momento em que Lui foi morar com a mãe, mostrou-se uma criança alegre, feliz e acima de tudo, salta aos olhos a calma que existe no seu semblante, que antigamente era sempre muito tenso e com muito medo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLONE GJ, ORTOLANI IV - **Violência Doméstica** - in. PsiqWeb, Internet, disponível em www.psiqweb.med.br, (acessado em 20/05/07)

<http://www.psiqweb.med.br/infantil/violdome.html>

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: ed. Bertrand Brasil, 2004

DESLANDES, Suely F. Artigo: **Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: análise de um serviço**, Cad. Saúde Pública v.10 supl.1 Rio de Janeiro 1994

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 1994.

RCNEI – **Presença dos Conhecimentos sobre Natureza e Sociedade na Educação Infantil**.

ROSAS, Fabiane; CIONEK, Maria Inês. **O Impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem**. www.mp.rs.gov.br/areas/infancia/arquivos/impacto.pdf (acessado em 26/07/07)

VYGOTSKY, I. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WINNICOTT, D.W. **Desenvolvimento emocional primitivo. Da Pediatria à Psicanálise**.

_____ . **Da dependência à independência do desenvolvimento do indivíduo.**

O ambiente e os processos de maturação.

_____ . **Tudo começa em casa.** São Paulo: Martins Fontes.

_____ . **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago.

_____ . **A criança e o seu mundo.** Rio de Janeiro: Zahar.

WOLFF, F. **Quem é bárbaro?** In. **Civilização e Barbárie.** Organização: Adauto Novaes. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2004

ZALUAR, A . **A complexidade da violência: determinantes e conseqüências.**
www.cnpq.br/areas/pronex/resumos/humanas/073_98html (acessado em 21/07/07)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação - EE
Departamento de Didática - DID

MONOGRAFIA II

ALUNO(A): Paola Rodrigues Mota (20032351105)

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: A interferência da violência doméstica no processo de aprendizagem.

ORIENTADOR(A): Profa Dra. Sandra Albernaz de Medeiros

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Lúcia de Hello e Souza Lehmann

Nota: 8,5 (oito e meio)

Considerações:

A monografia apresenta um tema interessante e atual tendo em vista a realidade brasileira. A autora preocupa-se com o tema violência doméstica que pode ter na escola uma grande aliada para identificação e enfrentamento das situações. Bom conteúdo e linguagem ao fazer a contextualização e a explicitação das ideias e dos autores. A restrição do trabalho de articulação, do caso com o conteúdo teórico, prejudica um pouco o trabalho que não deixa de ser de relevância e valor. Alguns deslizes na formatação, mas que não impediram a boa apresentação do trabalho. Referências incompletas. Bom trabalho no todo.

DATA: 10/11/2007

Assinatura: Lúcia Lehmann

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: SANDRA ALBERNIZ DE MEDEIROS

Nota: 9,0

Considerações:

Considero o trabalho realizado por Paola bem desenvolvido do ponto de vista da discussão teórica. A escolha de Winnicott é pertinente e interessante. Sua apresentação do caso é excelente demonstrando a intensa implicação com a criança e o contexto envolvidos. Sua descrição é apaixonante. O único "pecado" deste trabalho refere-se à ausência de articulação entre as ideias de Winnicott e a análise do caso clínico em pauta.

Data: 12.12.2007

Assinatura: 

TERCEIRO AVALIADOR

Professor de Monografia II: Janaina S.S. Menezes

Nota: _____

Considerações:

O trabalho contém os principais elementos de uma monografia.

Data: 12.12.07

Assinatura: 

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Média final
8,5	9,0	8,0	8,5